

As potencialidades da perspectiva qualitativa nas pesquisas sobre as identidades sociais e os projetos de mobilidade

*Lidiane M. Maciel**

*Gisele Maria Ribeiro de Almeida***

1 INTRODUÇÃO

O quadro de entendimento das migrações, particularmente internas, no Brasil, foi estruturado em torno da conjugação entre movimentos migratórios e desenvolvimento econômico. No entanto, diversos autores têm apontado à limitação explicativa do modelo analítico assentado sobre os processos de industrialização como explicação dos deslocamentos: os autores parecem concordar que desde as últimas décadas do século XX ocorreram transformações profundas que tornaram mais complexo o fenômeno migratório. É nesse sentido que as separações entre teorias e conceitos, para explicar as migrações internas e internacionais, estão perdendo o sentido. Pois, o processo crescente de internacionalização da economia, os impactos para a divisão internacional do trabalho, os efeitos da reestruturação produtiva, as novas tecnologias de informação e comunicação modificaram substancialmente as relações sociais e espaciais, interferindo em deslocamentos internos e internacionais de forma superposta.

Nesse sentido, esta proposta de trabalho organiza reflexões convergentes, ainda que oriundas de duas experiências distintas de pesquisas: uma de migração interna, outra de migração internacional. Assim, desde uma perspectiva qualitativa, pretende-se discutir técnicas, conceitos e tendências produzidas no âmbito dos estudos migratórios que tiveram inserções no terreno empírico. Estas investigações têm em comum uma intrínseca relação entre teoria e pesquisa. Nos dois contextos citados, as autoras encontraram o desafio de repensar as teorias, buscando novos aportes teóricos que pudessem municiar o entendimento sobre os contextos migratórios investigados.

* Pós-doutoranda, IFCH/UNICAMP

** Doutora pela UFSCAR

Nosso argumento é que o uso de metodologias qualitativas, tais como entrevistas semiestruturadas, etnografias multissituadas e observações diretas, são ferramentas valiosas para a produção de dados sobre o fenômeno da mobilidade humana e são também capazes de fomentar interpretações e o desenvolvimento de conceitos fundamentados em pesquisas empíricas.

A proposta desse artigo é discutir as potencialidades do uso destas ferramentas qualitativas de pesquisa, a partir das reflexões que surgiram no âmbito de duas pesquisas de campo, realizadas por diferentes pesquisadoras. A primeira foi feita entre os anos de 2011 e 2012, com imigrantes e ex-imigrantes brasileiros/as na França (ALMEIDA, 2013) e a segunda, entre os anos de 2013 e 2016, com famílias de trabalhadores rurais migrantes no Estado de São Paulo (MACIEL, 2016). Nas duas investigações, a ida ao campo mostrou que os migrantes eram envolvidos em uma rede de interação social fundada na mobilidade entre seus locais de “origens” e “destinos”. A relação mantida com essas espacialidades alimentava projetos de mobilidade e reordenava identidades sociais anteriores.

Estes aspectos puderam ser registrados em entrevistas realizadas pelas duas pesquisas citadas e, em diversas situações, as entrevistas trouxeram elementos, por vezes, obscurecidos aos/às sujeitos/as de pesquisa e às pesquisadoras. No caso da pesquisa de Maciel, destaca-se ainda os ganhos analíticos advindos a partir da realização de uma etnografia multissituada. Os elementos oriundos a partir das entrevistas levaram as pesquisadoras a revisitar a teoria, por vezes, mostrando sua insuficiência e forçando seu desenvolvimento quando necessário (GLASER e STRAUSS, 1967).

2 O USO DA ENTREVISTA: BENEFÍCIOS E “RISCOS” PARA A PESQUISA SOCIAL

Ao analisar a utilização da técnica de entrevista pelas Ciências Sociais, Blanchet (2003) discorre sobre a potencialidade desse instrumental para o acesso às representações sociais e às opiniões individuais. No entanto, o autor enfatiza a relevância do próprio processo da entrevista, levando-nos a refletir sobre a situação na qual esta se realiza, instituindo um mecanismo inter-relacional de produção de discurso. Conforme argumenta o autor, assim como a “imaginação sociológica” (MILLS, 1965), a entrevista é um processo e uma ferramenta da pesquisa repleta de “mistérios” e sua validade depende, em grande parte, de um sentido que está longe de uma apreensão objetiva da realidade.

Assim sendo, para quem parte de uma perspectiva epistemológica subjetivista e recusa compartilhar com as Ciências Naturais a forma de fazer pesquisa científica, a entrevista coloca-se como um potente instrumento de pesquisa, na medida em que permite acessar a experiência vivida pelos agentes sociais, a partir de sua própria perspectiva, que se objetiva na sua narrativa. É evidente que há riscos e desafios envolvidos nestas elaborações subjetivas e

discursivas. Mas, estes nos parecem inerentes à produção de conhecimento na pesquisa social, e, ao mesmo tempo, há recursos e ferramentas metodológicas capazes de oferecer certo “controle” por parte do/a pesquisador/a.

Queiroz (1983) ressaltou os benefícios que os registros orais de depoimentos pessoais com o uso do gravador poderiam trazer às Ciências Sociais. Essa autora descreve as potencialidades da “informação viva” oriunda do próprio informante e de suas motivações como “riqueza de dados”, na medida em que dá acesso ao que “se encontra explícito” e “abre portas para o implícito” (QUEIROZ, 1983, p. 67).

Considerar que as entrevistas permitem o acesso à perspectiva dos agentes, e ver nisso um benefício, coaduna com uma orientação epistemológica que legitima as interpretações e os sentidos que os agentes conferem às suas práticas. No entanto, isso não significa que estas interpretações e estes sentidos devam ser tomados, tal como apresentados pelos/as agentes sociais, como expressão correspondente do real, ou, como diz Poupart (2010), “confundir a interpretação que os atores dão da realidade social com a realidade tal e qual” (POUPART, 2010, p. 215).

Uma forma de enfrentar este risco potencial é reconhecer a situação da entrevista e a relação que ela estabelece entre o/a entrevistador/a e o/a entrevistado/a. Isso porque os aspectos que podem tornar as entrevistas metodologicamente frágeis se referem aos seus vieses, que, segundo Poupart (2010), envolvem três níveis: 1) relacionam-se ao dispositivo de investigação, que abarcam as “deformações” geradas pelo conteúdo e pela forma das questões feitas pelo entrevistador, mas também pelas técnicas de registro (anotações ou gravador) e as circunstâncias e lugares em que se deu a pesquisa; 2) referem-se ao caráter tendencioso que pode advir da relação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado em razão das respectivas situações sociais; 3) evocam os vieses ligados ao contexto da pesquisa, que podem afetar os discursos dos envolvidos¹.

Os riscos da incorporação pela produção científica, das chamadas histórias de vida, foram destacados por Bourdieu (2011), que se mostra apreensivo diante dos pressupostos, mesmo que ocultos, inerentes a essa técnica. Isso se deve ao fato de que, segundo esse autor, há uma crença que existiria uma totalidade na experiência de vida dos indivíduos e que esta poderia ser relatada. Além disso, Bourdieu (2011) aponta que a situação da narrativa, momento da entrevista, se torna um elemento fundamental na produção de um sentido que, na avaliação do autor, é uma criação artificial. Pois, o entrevistado seleciona e organiza os acontecimentos e a experiência vivida. Um dos exemplos destacados pelo autor é a organização entre a ordem cronológica e a ordem lógica, quando os depoentes recorrem a expressões como “desde pequeno”, ou “sempre gostei de música” (BOURDIEU, 2011).

Particularmente, no que tange à compatibilização entre a história pessoal e a condição migratória, é recorrente demandar que o/a entrevistado/a fale sobre seu desejo de emigrar, sua relação com o destino. No entanto, considerando o debate acima, não podemos ignorar que estas “explicações” foram provocadas pela situação da entrevista.

Um aspecto mencionado por Poupart (2010) e discutido por Blanchet e Gotman (2012) diz respeito à entrevista como um momento de coprodução de um discurso, uma narrativa que entrevistador e entrevistado constroem conjuntamente. Blanchet e Gotman (2012) apontam que a entrevista é um instrumento privilegiado para explorar o universo das representações e das práticas sociais, a “utilização da técnica de entrevista é, dessa forma, particularmente recomendada quando se quer analisar o sentido que os atores conferem às suas práticas, aos eventos dos quais eles puderam ser testemunhas ativas” (BLANCHET e GOTMAN, 2012, p. 24, *tradução nossa*)². Para estes autores, o valor heurístico da técnica de entrevista é garantido na medida em que esta engendra a apreensão da representação do sujeito articulada ao seu contexto de experiência. Ou seja, esta representação não está desconectada de um universo mais amplo.

Almeida (2013), em sua pesquisa de campo com emigrantes brasileiros/as, ouviu com frequência casos de negativas, em que o “sempre quis emigrar” transformou-se em “nunca” e, no lugar de “eu sempre quis sair do país”, foi dito “eu nunca pensei em sair do país”. Essa dimensão nos parece importante para reforçar o argumento de Bourdieu (2011), segundo o qual o uso das “biografias”, nas Ciências Sociais, exige a consideração dos riscos envolvidos nesta técnica e, dessa forma, a incorporação da relação complexa que se estabelece entre o indivíduo e o campo social no qual ele se insere, pois a trajetória do/a agente (o/a entrevistado/a) só poderá ser explicada em relação a este último.

Desta forma, o “sempre” quis emigrar ou o “nunca” pensei em deixar o país, passam a ser entendidos dentro das narrativas e das produções de sentido realizadas pelos/as agentes, mas que se mostram, no mínimo, insuficientes para entendermos como e porque os projetos migratórios se realizaram. Estas motivações e justificativas particulares só se explicam e se realizam na vida social dentro de um campo de possibilidades (VELHO, 1999), ou do que podemos chamar de “constrangimentos macroestruturais” que se conjugam às possibilidades individuais³.

É desta forma que podemos analisar a fala de um emigrante que foi entrevistado por Almeida (2013):

Em 2004, quando eu já estava com o documento [cidadania francesa], é, eu queria voltar pra França e eu voltei pra Lyon. Abril de 2004. [...] eu não conhecia ninguém em Lyon. Pra não falar que eu não conhecia ninguém, eu conhecia uma menina em Lyon... Quer dizer, eu não conhecia, eu conheci uma amiga Brasileira que tinha uma amiga que morava em

Lyon. Então eu desembarquei em Lyon, com 5 dias de hotel reservado, e saí em busca de uma “coloque”, de um lugar pra morar com outras pessoas. E três dias depois eu achei, fui morar com dois estudantes franceses. E aí comecei a minha primeira vida aqui em Lyon, em 2004. O começo... Eu passei os primeiros 2 meses procurando emprego e depois de 2 meses, passando pelo Quais de Rhône, eu vi um negocinho, um *affiche*, um anúncio falando assim: “eu preciso de gente que fale o português, Espanhol, Inglês e Francês”. Que eram exatamente as 4 línguas que eu falava. E aí eu fui ver, era uma agência *d'intérim* que estava contratando pra “T”. Então, em Abril de 2004, eu comecei a trabalhar pra “T” aqui em Lyon. [Marcílio, em entrevista realizada em 16/10/2012].

O risco aqui seria supor, ou superestimar a “facilidade” com a qual a realização deste projeto migratório consegue ter “sucesso”. Considerando que se trata de um imigrante que chega à cidade sem o suporte de redes de apoio, e que em dias encontra local de moradia e em semanas arruma um trabalho regular e documentado. Na narrativa do agente, há uma relação forte com a “sorte”, como Marcílio dá a entender que “por coincidência” os idiomas que o anúncio de trabalho pedia, eram exatamente os quatro idiomas que ele dominava. Porém, o cientista social deve estar atento para o fato de que não se trata de aptidões “naturais” e nem de acontecimentos fortuitos, mas, sim, de capitais econômicos e culturais. Na pesquisa de Almeida (2013), isso se evidencia no caso de Marcílio e de suas possibilidades: a posse de cidadania de país Europeu tinha o passaporte italiano por ascendência familiar; possuir uma formação superior em administração de empresas numa universidade reconhecida de São Paulo; ser poliglota, afinal não são adjetivações frequentes, mesmo em estratos sociais privilegiados, além de outros aspectos que explicam suas disposições e habilidades. Para Bourdieu (2011), estas configuram o *habitus* que se articula à relações sociais hierarquizadas e revestidas de poder.

Ocupando posições privilegiadas no espaço social, podemos considerar que Marcílio vivenciou o “projeto viver em Lyon-França” de forma extremamente “fácil” quando se compara sua trajetória com migrantes em situações de mobilidade “semelhantes”, seja porque estes não possuem documentos para ser um migrante internacional em situação regular, seja porque não dominam o idioma e códigos culturais do país de destino. Inclusive, a pesquisa de Almeida também traz casos nos quais o projeto de migração Brasil-França foi vivenciado de forma bastante distinta, com dificuldades de várias ordens e inclusive com problemas jurídico/legais no que tange à permanência no destino. A situação de Marcílio mostra-se, desta forma, peculiar tendo em vista a posse de elementos distintivos, para usar uma ideia bourdieusiana, e nem precisou recorrer a seu contato de “amiga da amiga” para arrumar moradia e trabalho. Assim, a

experiência e a narrativa de Marcílio contam uma história a partir da sua perspectiva e do sentido que lhe é inerente, mas cabe ao analista social revelar como estas experiências e narrativas articulam-se à dinâmica da vida social.

Ainda que a “história” contada pelo entrevistado seja uma criação, como diz Bourdieu (2011), a entrevista se constitui em instrumento privilegiado para que o pesquisador conduza uma “criação” que fale sobre as representações e as práticas sociais relacionadas ao tema da pesquisa. No nosso caso, o foco pode ser o projeto, a experiência da migração, a adaptação no destino, os planos de retorno etc. Mesmo que construído artificialmente pela encenação na qual se realiza a entrevista, o material que daí origina serve à análise do pesquisador, a despeito da “veracidade” e da “objetividade” das informações obtidas. Inclusive porque os “conteúdos” apresentados pelos entrevistados são contextualizados e analisados por referenciais teóricos e metodológicos capazes de “desnaturalizar” as narrativas.

No caso da pesquisa com brasileiros/as na França, as entrevistas semidirigidas foram pensadas como forma de apreender a experiência, a narrativa do migrante entrelaçada ao contexto macroestrutural, ao campo social que serve para promover e/ou obstaculizar suas possibilidades de ação. Como diz Bourdieu (2011), considerar o indivíduo sem lhe conectar à construção social que o engendra é o mesmo que tomar o trajeto do metrô como independente da estrutura da rede na qual este opera.

O/a migrantólogo/a pode ainda, ao sistematizar os dados qualitativos recuperados pelas entrevistas, produzir interpretações sobre a experiência migratória de indivíduos e grupos familiares, sendo que isso permite verificar as tendências de mobilidade ou (i) mobilidade, as mudanças nas relações sociais e familiares, os impactos para as condições profissionais ou de trabalho, investigando, igualmente, a forma como os migrantes constroem suas experiências no decorrer de suas vidas cotidianas.

No âmbito das migrações internas, estes ganhos analíticos mostram-se também destacáveis. No caso da pesquisa realizada em São Paulo por Maciel (2016), quando os migrantes concentravam-se em reconstruir suas experiências de trabalho para a pesquisadora, foi possível verificar o grande apreço que tinham pela carteira de trabalho e sua simbologia, considerando um contexto de vida anterior, no qual não dispunham deste elemento. A posse da carteira de trabalho oferecia aos migrantes estudados a condição necessária para assumirem a identidade social de “trabalhadores”. Assim, os sujeitos passavam a buscar inserção no espaço migratório de “destino” onde, para além do ganho real de renda, valorizava-se a condição de formalidade e o respeito adquirido por essa condição nos espaços de origem, quando voltavam no final de um ciclo de trabalho.

Neste mesmo sentido, na pesquisa de terreno com imigrantes brasileiros/as na França, foram encontradas, por exemplo, situações de rebaixamento profissional com perda de *status* social, sendo que a experiência migratória

mantinha-se avaliada como “positiva”, pois o “projeto” de morar na França, e essa “nova” identidade que se construía no contexto migratório, relativizava a perda da profissão e do *status* social que tinham no Brasil (e, deve-se destacar, em alguns casos, sem recompensas monetárias), em prol de outros fatores como “qualidade de vida”, e até mesmo as “mudanças” que os/as migrantes alegaram vivenciar em suas visões de mundo a partir da experiência migratória.

As entrevistas tornam-se, então, ferramentas privilegiadas para investigarmos as subjetividades dos/as migrantes, na medida em que permitem: a) a identificação de seus espaços de vida (COURGEAU, 1988); b) a reconstrução dos processos envolvidos na criação migratória e na elaboração dos projetos de migração (MA MUNG, 2009); c) o reconhecimento das dinâmicas identitárias em contextos de mobilidade (HALL, 1996).

Para Courgeau (1988), o espaço de vida engloba não apenas os lugares de passagem e de permanência, mas, igualmente, todos os outros lugares com os quais o indivíduo se relaciona, ainda que seja de forma não presencial.

Assim, quando se considera o aspecto da seletividade migratória e o reconhecimento de que diferentes perfis de migrantes possuem interesses e estratégias distintas, podemos novamente recorrer ao Bourdieu e as localizações dos/as migrantes, sejam efetivos ou potenciais, no “hierarquizado” espaço social (BOURDIEU, 1997). Além da diferenciação, essa relação espacial também remete aos espaços de pertencimento do indivíduo. Isto é, aos lugares com os quais ele trava relação e com os quais se mantém ligado, dimensão traduzida através do conceito de espaço de vida. Para Courgeau, o conceito serve para pensarmos o indivíduo e suas relações com o espaço enfatizando a dimensão coletiva (pertencimento a um grupo, a uma comunidade etc.).

O relato de Amilton para Almeida (2013) remete a esta dimensão do espraiamento do espaço de vida. O referido entrevistado contou que estava no Brasil há quase um ano, um retorno não planejado, uma vinda de emergência em função das condições de enfermidade do pai. No entanto, uma vez no Brasil, começaram a aparecer boas oportunidades profissionais (ele é fotógrafo) e, segundo seu depoimento, ele “foi ficando”, além do previsto. Porém, Amilton sabia que retornaria a França, só não sabia quando exatamente, pois havia deixado duas filhas e uma ex-mulher francesa de quem não estava ainda oficialmente separado. Ou seja, a França era, segundo sua narrativa, parte efetiva do seu espaço de vida, para dialogar com Courgeau (1988).

As pesquisas sobre migração podem contemplar as relações entre as sociedades de origem e de destino, através, por exemplo, de pesquisas multissituadas, através da etnografia ou da condução de entrevistas nos distintos “espaços migratórios”, com migrantes, retornados, ou ainda com familiares de migrantes.

As pesquisas podem ainda se beneficiar apenas por explorar esses vínculos “subjetivos” e “objetivos” de pertencimentos espaciais, buscando constituir a totalidade do “espaço de vida” desses migrantes, reconhecendo a importância

dos vínculos com a origem, tanto para decisão de permanecer no destino, como para fundamentar o retorno, ou ainda a circularidade Freitas (2014) e Togni (2014). São exemplos de investigações que fundamentam a importância da família para a realização dos projetos de migração, bem como a manutenção dos laços com a região de origem e, eventualmente, justificando o retorno.

As formas de composição e arranjos, em relação aos diferentes espaços que compõem os “espaços de vida” dos indivíduos, evocariam, por sua vez, as estratégias de pertencimentos múltiplos, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação na conformação da experiência migratória contemporânea (DIMINESCU, 2009). Além disso, evocariam ainda os impactos para as formas de instalação na sociedade de destino, entre outros aspectos.

As relações com a sociedade de origem também guardam intimidade com as interações sociais que se estabelecem na sociedade hospedeira, evidenciando tanto os limites dessas interações quanto os impactos para o que podemos chamar de “integração” dos/as migrantes na sociedade de destino. Dessa forma, poderia ser investigado com mais rigor o uso estratégico que os migrantes podem fazer de sua condição migrante, ancorada particularmente na sua origem. Como foi identificado na pesquisa sobre brasileiros/as na França, ser “brasileiro” lá pode ser um poderoso “trunfo” para um artista ou para alguém casadouro. No entanto, não se pode esquecer que os “trunfos” não são universais. É provável que a “origem brasileira” do imigrante/estrangeiro seja valorizada em certos espaços sociais franceses e que esta assuma dimensões negativas em outros “lugares”, aspectos relacionados à distinção e que foram também analisadas por Bourdieu (2007).

3 O TRABALHO DE CAMPO MULTISSITUADO: A NECESSIDADE DE ETNOGRAFAR O “ESTAR AQUI” E O “ESTAR LÁ”

Alguns trabalhos, no âmbito da temática das migrações internacionais, podem ser citados como exemplos dos benefícios das metodologias qualitativas para os estudos migratórios.

Togni (2014) levou a cabo uma etnografia multissituada, realizada entre o Cacém, cidade que compõe a área metropolitana de Lisboa, e Mantena, interior de Minas Gerais. A investigação tem como foco a migração de jovens brasileiros que deixam pequenas cidades no interior de Minas Gerais, vários deles residindo em áreas rurais, para “aproveitar a vida e melhorar de vida”⁴ através da migração para Portugal. A tese de Togni oferece análises instigantes sobre as motivações do projeto migratório, bem como reflexões sobre sexualidade, gênero e identidade que compõem as experiências destes jovens em deslocamentos e pertencimentos transnacionais.

No que tange à experiência migratória, o trabalho de Dias e Souza (2017) evidencia o potencial da pesquisa de campo para se chegar às práticas cotidianas e às táticas de “sobrevivência” do/a imigrante em condição irregular na cidade

de Londres. Os autores realizaram entrevistas semiestruturadas, fizeram uso da observação participante, interagindo em espaços sociais junto a imigrantes brasileiros/as em situação migratória irregular entre 2007 e 2014. No texto, Dias e Souza utilizam os conceitos de fronteiras, deportação, cidadania e mobilidade para refletirem sobre como imigrantes brasileiros/as em Londres engendram táticas de mobilidade na cidade, tendo em vista o objetivo de escapar do controle de fronteiras realizado por agentes da imigração no interior da Inglaterra.

Através da realização de pesquisa de campo na cidade de São Paulo e na Bolívia, Freitas (2014) investigou a emigração de trabalhadores/as bolivianos/as para São Paulo e Buenos Aires para trabalhar na indústria de confecção. A condução de entrevistas semiestruturadas junto aos/às bolivianos/as permitiu a pesquisadora construir um tipo migratório que foi denominado de “projeto costura”, capaz de articular um processo social que abarcava o investimento nos locais de origem, a aventura, o aperfeiçoamento e a mobilidade profissional.

No caso dos estudos focados nas migrações internas, o trabalho de campo de Maciel (2016) foi realizado em várias etapas, tanto no município de Matão/SP quanto em Jaicós/PI. O objeto indicava a necessidade suprema de uma análise bifocal (HIRAI, 2012) e, muitas vezes, multilocal (MARCUS, 2001), considerando que, além de Matão e Jaicós, os migrantes apresentavam em suas biografias outros deslocamentos. É o caso de migração para outras cidades do estado de São Paulo, como a própria capital paulista. “São Paulo mesmo” – em referência a cidade de São Paulo – era apresentada como um local para onde também podia se “correr”, em caso de necessidade, pois o trabalho na construção civil não era considerado menos duro que as colheitas da laranja e corte de cana-de-açúcar.

Desse modo, metodologicamente, Maciel (2016) considerou que, em situações de intensa mobilidade, o olhar bifocal se fazia necessário porque permitia descrever de que forma os migrantes construíam seus mundos particulares. Nesse sentido, as noções de “origem” e de “destino migratório” eram integradas à análise. Logo, a biografia multilocalizada facilitava:

A reconstrução analítica sistêmica desses eventos e episódios biográficos, ocorridos durante a experiência migratória, contribui para entender a natureza de tais mobilidades e identificar os efeitos e trocas na vida das pessoas que migram, e também de familiares que permanecem nas localidades de origem, cujas vidas estão ligadas a experiências migratórias. (SÁNCHEZ, 2012, p. 460. Tradução livre).

Para além da “origem” e do “destino”, como nos diz Sánchez (2012), a proposta das biografias multilocalizadas apresentava multiterritorialidades e multissituações. Potencialmente são considerados os locais em que se transcorreram os eventos ou situações, a partir dos jogos de poder ali desenvolvidos.

Marcus (2001) esclarece que, em uma economia capitalista baseada em um sistema mundial, as investigações podem ser realizadas de maneira a considerar várias pontas de uma rede mais ou menos integrada de relações sociais. Assim, os estudos multilocais constroem, sobretudo, uma narrativa sobre o sistema mundo.

A etnografia multissituada é um exercício de mapear um terreno, sua finalidade não é a representação holística, nem gerar um retrato etnográfico do sistema mundo em sua totalidade. Mas, fixa que qualquer etnografia de uma formação cultural em um sistema mundo é também uma etnografia do sistema que, portanto, não pode ser entendida só em termos do que é colocado em cena convencional da etnografia unilocal, supondo realmente que o objeto de estudo seja a formação cultural produzida em diferentes localidades e não necessariamente as condições de um grupo particular de sujeitos (MARCUS, 2001, p.113. Tradução livre)⁵.

A abordagem multilocal tem sido, então, desenvolvida por vários estudiosos cujas preocupações se voltam para as migrações, a circulação dos objetos, processos globais e locais e produção cultural no mundo contemporâneo.

Marcus (2001) aponta que é possível realizar certas modalidades de construção de etnografias multilocais a partir do acompanhamento de pessoas, objetos, metáforas, conflitos, tramas ou histórias e alegorias. Para nós, na construção deste artigo, os trabalhos de Grasmuck e Pessar (1991), como citado por Marcus (2001), servem de fonte inspiradora para a construção de uma sociologia das migrações.

Afirmando que “seguir pessoas” é um campo de amplas potencialidades para a sociologia das migrações, Marcus (2001) nos aponta como esse processo social pode ser capturado a partir de todas estas outras dimensões citadas. Pois isso acontece também na ordem do seguir os objetos, sendo material e também simbólico, considerando que no processo migratório é bastante comum a circulação de signos através das tramas e narrativas que podem ser produzidas sobre eles.

Nos estudos migratórios, seguir histórias de vida pode nos oferecer elementos sobre a dinâmica social, como sugerido por Marcus (2001): “as histórias de vida revelam justaposições de contextos sociais mediante uma sucessão de experiências narradas individualmente, que pode ser desconhecida no estudo estrutural de processos deste tipo” (MARCUS, 2001, p.121. Tradução livre)⁶.

Hirai (2012) oferece-nos outro exemplo das potencialidades desse trabalho, mostrando-o em seus estudos sobre migrantes mexicanos nos Estados Unidos:

Ao ter uma vida transnacional que lhes permite incorporar simultaneamente tanto a sociedade de origem com a de destino, os migrantes podem ocupar um posicionamento como subalterno nos países receptores e outro, por sua vez, como novos líderes políticos econômicos em seus lugares de origem (HIRAI, 2012, p. 106. Tradução livre)⁷.

Há, então, a produção de sujeitos multissituados. Assim, reconstituir uma trajetória por meio de uma entrevista biográfica multissituada sempre implica o trabalho da memória daquele que entrevistamos, nos colocando frente ao desafio da produção de discursos sobre a trajetória do entrevistado, como já citado no tópico anterior.

A partir da pesquisa empírica de Maciel (2016), foi possível verificar que a migração de piauienses para São Paulo e, atualmente, para o interior de São Paulo, se insere em um movimento maior e dinâmico que engloba múltiplas trajetórias familiares. Trata-se de um processo desencadeado há, pelo menos, três gerações de migrantes, atravessado por mudanças econômicas e sociais em âmbito nacional e regional.

Para captar toda a dinâmica deste processo social, foi necessário fazer idas e vindas ao campo. Foi necessário reconstruir múltiplas vezes as mesmas trajetórias em diferentes momentos da pesquisa de campo e construir a análise de modo a não as individualizar, relacionando-as entre si, considerando também que o tempo ou a distância dos eventos constrói, reconstrói e destrói as lembranças.

A construção da multissituacionalidade migratória pode ser realizada na pesquisa de referência, através de um instrumento de pesquisa biográfico. Assim, Battagliola et al (1993), no que se refere aos estudos biográficos, à apresentação de uma história de vida e à uma análise biográfica, permite acessar relações sociais para além das particularidades contadas pelo sujeito, mostrando eventos e instituições que ora tomam grande valor social ora entram em decadência. Nesse sentido, como demonstram as análises sobre a influência de um casamento, sobre processos migratórios ou a escolha de uma espacialidade.

Os autores Bacellar e Lima (1990) apontam que, no que se refere ao estado do Piauí, e as perdas migratórias durante a segunda metade do século XX; a capital do estado, Teresina; e a outras cidades, cujo desenvolvimento era maior, a migração era prioritariamente feminina. Já entre os homens, os espaços migratórios que mais se destacam depois dos anos 1970 foram a Microrregião Norte e Centro-Oeste do Piauí, além de cidades dos respectivos estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, neste último, especialmente para a sua capital, Belo Horizonte. Nesse período, a migração destinava, sobretudo, à procura de trabalho na construção civil. As estadas eram realizadas na casa de familiares já moradores daquelas localidades ou na própria obra, o que impossibilitava a ida de mulheres e filhos.

Nos anos 2000, verificou-se a intensificação das migrações direcionadas do Piauí ao interior do estado de São Paulo. As idas e vindas para a realização das diversas safras agrícola desse estado, tais como corte de cana-de-açúcar e colheita da laranja, foram destacadas como as atividades mais importantes entre os migrantes. É nesse contexto que se inseriu a pesquisa de campo multissituada e biográfica nas cidades de Picos e Jaicós, no Piauí, e Matão, em São Paulo.

O entendimento do processo migratório, entre os municípios citados, passou, necessariamente, pela reconstrução dos caminhos e descaminhos que levaram sua população a traçar suas trajetórias migratórias vinculadas a espaços de vida (COURGEAU, 1988) longínquos de sua terra natal. Os caminhos que conduziram os migrantes a Matão foram muitos e formam inúmeros fios tecidos nas relações sociais das redes (VETTORASSI, 2010) sobre condicionantes macroestruturais (SINGER, 1979) postos no cenário em que se desenvolveram as migrações rurais e urbanas entre o Piauí e São Paulo.

Desse modo, a reconstrução das trajetórias migratórias demandou de Maciel (2016) e de Pereira (2015) uma série de aproximações e diversas estadas nas localidades referenciadas pelos migrantes. Houve também casos de localidades reconstruídas discursivamente, pois não remetiam diretamente a uma experiência vivenciada pela mobilidade. Dessa experiência, foram relatadas as estadas na cidade de São Paulo, por exemplo, chamadas pelos migrantes de “São Paulo mesmo”, em contraposição ao interior do estado de São Paulo, ou do município de “Matão”.

Já os casos de “São Paulo do Matão”, estes foram reconstruídos nas entrevistas em Jaicós e na própria cidade, o que nos exigiu uma série de contatos em diferentes momentos. As percepções das localidades variavam conforme os condicionantes sociais como de gênero e grupo etário. Os homens, por exemplo, valorizavam as espacialidades relacionadas à vida social festiva, espaços públicos, tais como a sociabilidade do bar e dos times de futebol formadas em ambas as cidades. Já as mulheres, valorizavam os ambientes das casas e vizinhanças em Jaicós e Matão. O que uniam ambos os grupos era o trabalho, pois, diferentemente de outras culturas, como a do corte da cana-de-açúcar, os trabalhos relacionados à colheita da laranja acolhem homens e mulheres.

As reconstruções das biografias eram profundamente impactadas pelos locais nos quais eram produzidas. Em Jaicós, o tempo era o tempo da entressafra, ou seja, o tempo de descanso e da vida contemplativa. Já em Matão, trazia o tempo do trabalho, e os (as) entrevistados (as) apresentavam-se sempre muito ocupados (as) e cansados (as). Muitas entrevistas com as mulheres, por exemplo, foram produzidas enquanto elas lavavam roupas ou faziam comida, bem como, cuidavam das crianças. Entrevistar os homens, também era difícil, pois o tempo livre que tinham era dedicado a auxiliar suas esposas no trabalho doméstico, ou frequentar espaços de sociabilidade como bares e feiras.

O próprio registro etnográfico também não se apresentava tranquilo. Estar nos espaços de estudo selecionado exigia que as pesquisadoras tentassem passar despercebidas. No entanto, eram constantes as perguntas sobre os porquês da escolha do objeto de pesquisa, inclusive suscitando desconfiança ou

interesse. Durante a pesquisa de campo, Maciel e Pereira, ao fazerem anotações em seus cadernos, em locais públicos, foram alvos de muita curiosidade e questionamentos. Houve situações nas quais os moradores se aproximaram e perguntaram às pesquisadoras se estas eram agentes da prefeitura municipal ou da empresa de processamento de cítricos de São Paulo que os contratava.

No entanto, foi a partir das idas e vindas, como os migrantes realizam, que Maciel e Pereira conseguiram mapear a construção dos espaços de vida dos migrantes, assim como as identidades que nasciam entre as espacialidades que compunham os espaços de circulação, entre a casa, a comunidade rural e a rua. Por isso, toda recusa e curiosidades demonstradas pela população sobre a pesquisa fizeram parte da própria dinâmica investigativa.

Os espaços eram construídos de maneira multissituada, fazendo referência a outras localidades já vividas. A partir do conjunto de descrições e fotografias, foi possível, para as pesquisadoras, uma aproximação com o contexto, considerando-o como partícipe do deslocamento relatado nas biografias famílias.

Era possível observar e descrever as novas rotas criadas nas comunidades rurais para beneficiar a circulação de carros e motocicletas. Esse aspecto alterava demasiadamente as estradas urbanas e rurais do município de Jaicós. Havia, por exemplo, a construção de novas cercas nas propriedades rurais para proteção dos animais que sofriam o risco de atropelamentos, como nos contou um dos moradores em entrevista em 2013, e mesmo a fixação de placas com avisos que pediam para o motorista a redução da velocidade.

A terra em Jaicós (PI) também ganhava novas funcionalidades. Era possível perceber o grande apreço à mesma com a composição de hortas para consumo doméstico, e o abandono da pequena agricultura. Os moradores relatavam que a renda era obtida em Matão, e agora a terra de Jaicós era para descansar. Assim, as casas eram reformadas, com destaque para as fachadas bem reformadas com dinheiro advindo da migração.

Em Matão, alguns bairros, ao ganharem novos moradores, mesmo temporários, também sofriam alterações, como os moradores “locais” afirmavam que, na época da pesquisa de campo, o comércio era aquecido, a feira ficava mais movimentada e era possível observar que muitos proprietários alugavam edículas de suas casas, onde moravam, para os trabalhadores rurais safristas, criando novas funções ao “fundo de quintal” antes utilizado como lavanderia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo atentou para duas técnicas de pesquisa qualitativa em processos migratórios, as entrevistas e os relatos de campo multissituados (Etnografias). Nosso intuito foi demonstrar as potencialidades de ambas para a compreensão dos projetos e dos processos sociais da migração, na medida em que as abordagens qualitativas favorecem a recomposição da complexidade de que se reveste as experiências dos deslocamentos, sejam eles internacionais ou nacionais.

Reconhecendo as possibilidades e os limites do uso das técnicas, as entrevistas, por exemplo, servem como forma de unir informações sobre os projetos e os processos migratórios, partindo das experiências dos sujeitos que migraram. Isso ajuda o pesquisador a buscar as motivações (por que emigrar) e possibilidades e constrangimentos (por que naquele momento e por que para aquele destino) envolvidos no processo. Como destacado por Knowles (2017), a ideia de fluxo migratório pode ser irreal expressando uma facilidade muitas vezes inexistente.

Assim, as jornadas migratórias (KNOWLES, 2017), que podem conjugar solidariedade, disputas, constrangimentos e coerções, podem ser representadas nas falas dos sujeitos (migrantes), e melhor entendidas pelo olhar atento do pesquisador no “estar em campo”, nos diferentes espaços circulatorios. Desse modo, as etnografias multissituadas, unidas às entrevistas, auxiliam o/a migrantólogo/a na discussão sobre o processo social carregado de especificidades, idas, vindas e direções incertas.

Não se trata de desconsiderar os aspectos macroestruturais envolvidos na migração, nem atribuir ao indivíduo todo poder de orientação. O complexo processo migratório não se explica unicamente por motivações subjetivas captadas pelas técnicas discutidas, ainda que o indivíduo venha a organizar dessa forma sua experiência. Mas, é necessário ter a consciência que as experiências individuais, captadas qualitativamente, revelam aspectos da estrutura se assim forem analisadas e consideradas. Seguindo as orientações metodológicas de Norbert Elias, sociólogo alemão, “é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções” (ELIAS, 1994, p. 22). Para este aspecto, as técnicas qualitativas mostram-se de grande serventia aos estudos migratórios, tanto no que se refere à compreensão dos fluxos (origem e destino) como para perscrutar a experiência do migrante, o que toca sua relação com as respectivas sociedades de origem e de destino com as ancoragens identitárias e com os projetos futuros de (i)mobilidade.

NOTAS

¹ Aspecto conhecido neste caso é que, quando o entrevistado tem conhecimento sobre o enfoque da pesquisa, seu enunciado tende a ser afetado tanto naquilo que é dito quanto naquilo que é omitido (POUPART, 2010).

² No original: “L’enquête par entretien est ainsi particulièrement pertinente lorsque l’on veut analyser les sens que les acteurs donnent à leurs pratiques, aux événements dont ils ont pu être les témoins actifs. [...] Le valeur heuristique de l’entretien tien donc à ce qu’il saisit la représentation articulée à son contexte expérientiel et l’inscrit dans um réseau de signification. Il ne s’agit pas alors seulement de faire décrire, mais de faire parler sur.” (BLANCHET e GOTMAN, 2012, p. 24-25)

³ No segundo capítulo da sua tese, Almeida (2013) apresenta uma reflexão em torno do fenômeno migratório que busca incorporar o peso dos constrangimentos macroestruturais na formação de condições que promovem a emigração na origem e a imigração no destino e, simultaneamente, reconhece o papel da agência dos migrantes nos deslocamentos.

⁴ Togni (2014) aponta que estas categorias êmicas foram destacadas pelos/as próprios agentes, através de suas narrativas.

⁵ No original: “Le etnografía multilocal es un ejercicio de mapear un terreno, su finalidad no es la representación holística ni gerar un retrato etnográfico del sistema mundo como totalidad. Más bien, sostiene que cualquier etnografía de una etnografía de una formación cultural en el sistema y que, por tanto, no puede ser entendida sólo en términos de la puesta en escena convencional de la etnografía unilocal, suponiendo realmente que el objeto de estudio se ala formación cultural producida en diferentes localidades, y no necesariamente las condiciones de un grupo particular de sujetos” (MARCUS, 2001, p. 113)

⁶ No original: “Las historias de vida revelan yuxtaposiciones de contextos sociales mediante una sucesión de experiencias narradas individualmente, que pueden ser desconocidas en el estudio estructural de procesos de este tipo” (MARCUS, 2001, p. 121).

⁷ No original: “Al tener una vida transnacional que les permite incorporar simultáneamente tanto a la sociedad de origen como a la de destino, los migrantes pueden ocupar un posicionamiento como subalternos en el país receptor y otro, a la vez, como nuevos líderes políticos económicos en sus lugares de origen” (HIRAI, 2012, p. 106).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. R. de. **Au revoir, Brésil:** um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, IFCH/UNICAMP. Campinas: Unicamp, 2013.

BACELLAR, O. I. de B.; LIMA, G. P. **Causas e tendências do processo migratório piauiense.** Teresina, Fundação CEPRO, 1990.

BATTAGLIOLA, F. *et al.* A propos des biographies: regards croisés sur questionnaires et entretiens, **Population**, 48e année, n°2, 1993, pp. 325-346.

BLANCHET, A. **Dire et faire dire:** l’entretien. Paris: Armand Colin, 2003. 172 p.

BLANCHET, A.; GOTMAN, A. **L’entretien:** l’enquête et ses méthodes. Paris: Armand Colin, 2012. 126 p.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil & Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. A ilusão biográfica. In: Amado, J.; Ferreira, M. M. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. pp. 183-191.

- _____. Efeitos do lugar. In: Bourdieu, P. (coord). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 159-166.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2011.
- COURGEAU, D. “Concepts de base”. In: _____. **Methodes de mesure de la mobilite spatiale**: migrations internes, mobilite temporaire, navettes. Paris: Editions de l’Institut National d’Études Demographiques, 1988.
- DIAS, G.; SOUZA, C. N. Lidando com fronteiras móveis: um estudo sobre as táticas de mobilidade urbana de brasileiros em Londres. **Terceiro Milênio** - Revista Crítica de Sociologia e Política, v. 8, p. 186-209, 2017.
- DIMINESCU, D. Le migrant dans un système global de mobilités. In: CORTÈS, G.; FARET, L. (orgs) **Les circulations transnationales**: lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris: Armand Colin, 2009, p. 211-224.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREITAS, P. T. **Projeto costura**: percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, IFCH/UNICAMP. Campinas: Unicamp, , 2014.
- HIRAI, S. Siguelos símbolos del terruño: Etnografía multilocal y migración transnacional. In: ARIZA, M. e VELASCO, L. (org) **Metodologia Qualitativa para el estudio de las migraciones internacionales**. Cidade do México: UNAM, 2012.
- KNOWLES, C. **Nas trilhas de um chinelo**. Uma jornada pelas vias secundárias da globalização. São Paulo. Annablume, 2017.
- GRASMUCK S; PESSAR, P. **Between Two Islands Dominican International Migration**. Berkeley: University of California Press.1991.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter, 1967.
- HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 24 (1), 1996, p.68-75.
- MARCUS, G. E. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. In: **Alteridades**, vol. 11, núm. 22, julio-diciembre, pp. 111-127.
- MACIEL, L. M. **Entre o rural e o urbano**: processos identitários na migração para região Central do Estado de São Paulo. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, IFCH/UNICAMP. Campinas: Unicamp, 2016.

- MA MUNG, E. “Le point de vue de l’autonomie dans l’étude des migrations internationales: ‘penser de l’intérieur’ les phénomènes de mobilité”. In: DUREAU, Françoise et HILY, M. A. (dirs). **Les mondes de la mobilité**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009. p. 25-38.
- MILLS, W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. 246 p.
- PEREIRA, G. G. **Entre o partir e o chegar**: Os trabalhadores rurais migrantes em Matão/SP. Dissertação de Mestrado., Programa de Pós-Graduação em Demografia. Campinas: Unicamp, 2015.
- POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. *et al* (org) **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2010, pp. 215-251
- SÁNCHEZ, L. R. Las trayectorias en los estudios de migración: Una herramienta para el análisis longitudinal cualitativo. In: ARIZA, M. e VELASCO, L. (org) **Metodología Qualitativa para el estudio de las migraciones internacionales**. Cidade do México: UNAM México, 2012.
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., [1976]1988.
- QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH, 1983. 182 p.
- TOGNI, P. C.. **A Europa é o Cacém**: mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Tese de doutoramento. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/8679>. Acesso em 11 Jul 2018.
- VETTORASSI, A. **Laços de Trabalho e Redes dos Migrantes**: um estudo sobre as dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana-SP e Guariba-SP Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, IFCH/Unicamp. Campinas: Unicamp, 2010.
- VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

RESUMO

O artigo tem como objetivo discutir, a partir de duas experiências de pesquisas empíricas, as potencialidades e os desafios do uso de entrevistas qualitativas e descrições etnográficas nas pesquisas relacionadas aos processos migratórios contemporâneos. Salientamos que as duas técnicas, anteriormente citadas, estão em consonância com as definições e exigências dos objetos de pesquisa das investigadoras: os projetos de mobilidade, e, a construção de identidades sociais no processo migratório. O acesso às questões, de cunho estrutural e particular, vivenciadas pelos migrantes e suas famílias foi possibilitado pelo intensivo trabalho de campo que impôs às pesquisadoras diferentes desafios na busca de novas interpretações também problematizadas neste artigo. Assim, o intuito maior é colaborar com a discussão metodológica nos estudos de mobilidade na contemporaneidade.

Palavras-chave: técnicas de pesquisa empírica, mobilidade, identidade, projetos migratórios.

ABSTRACT

The article aims to discuss the potentialities and challenges of the use of interviews and ethnographic descriptions in research to contemporary migratory processes, from two empirical researches experiences. The methods were adequate for the requirements of the researches. The goal was to study the mobility projects and the construction of social identities in the migration process. The access to the structural and particular issues experienced by migrants and their families was made possible by field study research. Thus, the search for new interpretations for fieldwork data was also a challenge reported by the researchers in this article.

Keywords: empirical research techniques, mobility, identity, migration projects.